

O problema hermenêutico em *Verdade e método*¹

Cláudio José de Almeida Mello²

Resumo

Em *Verdade e método* Gadamer faz uma discussão em torno do problema hermenêutico, mostrando o que acontece quando se compreende: como a compreensão se dá por meio da interpretação – uma conversação entre a tradição e o intérprete –, e esta utiliza as pré-compreensões do intérprete, a historicidade da compreensão revela, de um lado, os aspectos linguísticos da compreensão, e de outro, a impossibilidade de uma interpretação objetiva. Gadamer não pensa a hermenêutica como um método capaz de validar interpretações, mas sim como uma filosofia, que mostra que tanto a compreensão quanto a linguagem são fatores transcendentais inerentes ao Homem.

Palavras-chave: hermenêutica, compreensão, interpretação, método.

MELLO, C. J. de A. O problema hermenêutico em *Verdade e método*. *UNOPAR Cient., Ciênc. Hum. Educ.*, Londrina, v. 1, n. 51-59, p. , jun. 2000.

Introdução

Delimitação do objeto

A palavra hermenêutica pode ser definida como o estudo da compreensão. Nos tempos mais antigos ela era aplicada para fins teológicos e jurídicos; no início do século XIX, Schleiermacher estendeu a sua aplicação para todos os tipos de textos, dando-lhe o status de ciência geral da compreensão; atualmente, ela se polarizou em duas vertentes principais: a hermenêutica da objetividade e da validação, de Dilthey, Hirsch e Betti; e a da fenomenologia, que busca o fundamento da compreensão, melhor representada por Heidegger e Gadamer (Palmer, 1997, p. 15-22). Delimitamos este trabalho nos estudos deste último, especificamente em *Verdade e método* (1999).³

Para Gadamer a compreensão não é uma das faculdades do homem, mas uma pré-condição para a sua existência inteligente, isto é, para a sua consciência de que ele próprio e também o mundo existem. Seu objetivo não é utilizar a hermenêutica para fins práticos, tal como a validação de uma interpretação, mas sim entender como acontece a compreensão, descobrir o que ela tem de transcendental, em que condições ela acontece, e qual o seu caráter ontológico: são essas questões que designam o *problema hermenêutico*, objeto deste trabalho.

Metodologia

Para a elaboração deste trabalho utilizamos quase que somente a obra *Verdade e método*. Além desta, e para sua melhor compreensão, usamos a obra de Palmer (1997) e o sintético capítulo “Hermenêutica e abordagem literária” de Lima (1983). Tendo em vista nossa condição de iniciantes no

¹ Texto elaborado sob a orientação do Prof. Dr. Jean Marcel Carvalho França.

² Docente da UNOPAR e mestrando em Letras pela UNESP. Endereço para correspondência: Rua Pernambuco, 601, ap. 33. 86020-120. Londrina, Paraná, Brasil. E-mail: hidalgo@uel.br

³ Os números de página desta obra citados neste trabalho referem-se à 5ª ed. do original. Na edição aqui utilizada esses números aparecem às margens do texto, entre colchetes, ao lado do início da respectiva página.

estudo da hermenêutica, neste trabalho não nos propomos a emitir pareceres sobre esse tema, mas sim a apresentar e elucidar o pensamento de Gadamer; por causa disso, o tópico Considerações Finais não se destina a emitir nossas próprias opiniões, mas sim a sintetizar o que foi aqui estudado.

Os pontos principais que elucidam o problema hermenêutico são todos inter-relacionados, e são retomados constantemente em *Verdade e método*; esses pontos compõem os tópicos deste trabalho, divididos aqui com finalidade didática.

O Problema Hermenêutico

A tradição e o intérprete

Pré-concepção

Qualquer que seja o objeto (um texto simples ou uma obra de arte), sua compreensão se dará sempre a partir de um conhecimento de mundo do intérprete, que já é dado quando ele entra em contato com o objeto. A tarefa hermenêutica não consiste em buscar a intenção autoral, as pré-concepções do autor utilizadas na produção da obra; tampouco desvendar as pré-concepções do intérprete usadas para a compreensão do texto; para Gadamer, a resposta está na idéia de *fusão de horizontes*⁴, na qual o intérprete experimenta as suas pré-concepções, validando-as ou refutando-as de acordo com o texto. Nem o texto é uma Verdade absoluta que se impõe, nem as pré-concepções do intérprete utilizadas para a compreensão são arbitrarias. O texto é que traz à luz os juízos prévios necessários à sua compreensão. Como destaca Lima (1983, p. 68), Gadamer diz:

“A compreensão somente alcança sua verdadeira possibilidade, quando as opiniões prévias, com as quais ela inicia, não são arbitrarias. Por isso faz sentido que o intérprete não se dirija aos textos diretamente, a partir da opinião prévia que lhe subjaz, mas que examine tais opiniões quanto à sua legitimação, isto é, quanto à sua origem e validade” (Gadamer, 1999, p. 272).⁵

É por isso que o leitor espera no texto algo de si próprio – mas a supremacia é do texto. Tal concepção pode ser entendida com a idéia do círculo hermenêutico, do qual a compreensão não pode fugir: o leitor, para compreender, precisa estar no círculo, precisa que o texto fale dele também (de suas pré-concepções, para confirmá-las), precisa enfim ter uma série de conhecimentos anteriores ao contato com o texto, a fim de que possa compreender aquilo que o texto traz (Lima, 1983, p. 69).

Essa pré-concepção não são valores individuais, subjetivos do intérprete. São conhecimentos, maneiras de ver o mundo dados pela época em que se insere o intérprete – são, portanto, históricas, não individuais. Percebe-se que a compreensão, para Gadamer, não é uma conversação entre indivíduos, (autor e intérprete), mas entre coletividades (tradição e pré-conceitos do presente), acentuando o caráter histórico da compreensão, e, logo, desmistificando o caráter absoluto de qualquer interpretação.

Conversação

Um diálogo entre duas pessoas só ocorre porque ambas não sabem o que o outro tem para dizer, e tampouco prevêem o desfecho da conversa. Essa característica de desconhecido é a condição para o estabelecimento da interlocução. Da mesma maneira, a condição de desconhecido é fundamental para que se busque a compreensão de um texto. Quando um intérprete se debruça sobre a tradição, o que ocorre é uma conversação. O texto escrito guarda significações, mas só terá vida mediante o contato com um interlocutor; cada contato oferece um sentido novo, na medida em que, sendo lingüístico,

⁴ Conforme Gadamer (1999, p. 307), “Horizonte é o âmbito de visão que abarca e encerra tudo o que é visível a partir de um determinado ponto”.

⁵ Preferimos substituir a tradução desta citação usada por Luiz Costa Lima pela feita por Flávio Paulo Meurer.

esse sentido necessariamente precisa ser construído pelo intérprete a partir de um presente histórico, mutável. É por isso que Gadamer (1999, p. 476-477) diz que “Toda apropriação da tradição é historicamente distinta das outras, e isso não quer dizer que cada uma seja apenas uma aceção distorcida daquela: Cada uma é, antes, a experiência de um ‘aspecto’ da própria coisa”. Claro que o intérprete não conseguirá se desprover de todos os seus preconceitos, mas, para ter conhecimento do que a tradição tem para lhe transmitir, ele precisa deixá-la acontecer.

A experiência hermenêutica acontece quando o intérprete entra em contato não só com as palavras, mas com o mundo da tradição. Isso não pode ser alcançado objetivamente, por meio de instrumentos metodológicos com os quais se poderia extrair o significado da tradição, mas “o verdadeiro acontecer só se torna possível, na medida em que a palavra que chega a nós a partir da tradição, e à qual temos de escutar, nos alcança de verdade, e o faz como se falasse a nós e se referisse a nós mesmos” (Gadamer, 1999, p. 465-466). A experiência da tradição só pode ser compreendida pelos intérpretes porque estes também lhe pertencem: este é o significado da *pertença* em uma conversação. “Pertencente é aquilo que é alcançado pela interpelação da tradição” (Gadamer, 1999, p. 467). A tradição e a linguagem existem antes do ser. É o intérprete que lhes pertence, não o contrário. Por pertencer a um lugar-comum, a tradição, o intérprete pode se comunicar com ela, compreendê-la: isso se dá quando ocorre a fusão de horizontes, permitida pela linguagem, que é comum a ambos.

Temos, pois, que, na experiência hermenêutica, a tradição é que “fala”. Um exemplo esclarecedor dessa conversação é a situação do tradutor. Gadamer ensina que ela revela de forma radical o modo como o intérprete dialoga com o texto. Para fazer o seu trabalho, o tradutor não deve ler o texto com os olhos de sua própria língua; antes, deve deixar que o texto fale na língua de origem, para assim compreender a experiência nele contida, e possibilitar “a reconstituição do texto guiada pela compreensão do que se diz nele” (Gadamer, 1999, p. 389). Só quando o tradutor viver o texto na língua original ele poderá falar o tema que pulsa dentro dele.

Pergunta versus resposta

Para deixar que o mundo representado pelas palavras fale através delas, a interpretação deve construir a pergunta que originou o texto. Esse texto da tradição, que vem de longe, precisa arrancar do intérprete a pergunta-chave para a concretização da experiência hermenêutica. A interpretação não é a resposta; é a pergunta (Gadamer, 1999, p. 476). O texto é a resposta. Compreender é reconstruir a pergunta para a qual o texto foi resposta em uma determinada época. Essa divisão didática da compreensão em pergunta e resposta ressalta o caráter de conversação da hermenêutica.

Compreensão, interpretação, aplicação

Saber *como* ocorre a compreensão elucida a participação do intérprete na tradição, e a maneira como esta se aplica a ele no processo de sua redefinição a partir dela.

A hermenêutica tradicional teológica dividia a compreensão em três fases: compreensão, interpretação e aplicação. A Nova Hermenêutica reconhece a unidade entre as duas primeiras, visto que é interpretando-se que se compreende; ambos são indissociáveis, pois a compreensão *acontece* somente quando se interpreta. Resta ainda a aplicação, que seria a utilização desse ato de interpretar em textos específicos, por exemplo a aplicação do que se compreende de uma lei em um determinado caso jurídico.

A novidade que Gadamer traz é que a aplicação também participa da unidade da compreensão. Uma verdadeira interpretação, aquela que busca o sentido do texto sem a *excessiva* projeção no texto dos juízos prévios, essa verdadeira interpretação é aquela que *deixa* o texto da tradição falar. Claro que o intérprete utiliza sempre suas pré-compreensões, mas a supremacia deve ser do texto. Dessa forma, o texto, sendo único, sempre se aplicará aos intérpretes no decorrer da história, e quando isso ocorre, dá-se a interpretação e, logo, a compreensão do mesmo. Isso quer dizer que esses três

elementos – compreensão, interpretação e aplicação – não são etapas de um processo, mas sim nuances da mesma compreensão.

Historicidade da compreensão

A historicidade da compreensão está no fato de que a tradição precisa ser interpretada para ter vida. As interpretações só podem ser feitas no presente; os pré-conceitos de cada intérprete não são somente seus, mais que isso, são uma possibilidade que sua época lhe colocou à disposição. A história da compreensão é um apanhado de suas aparições ao longo da história.

A compreensão é universal, mas ela só se revela por meio da interpretação – esta é o seu *ser-aí* no mundo, o *Dasein* da compreensão. O texto é sempre passado, mas seu conhecimento é sempre presente. A tradição é viva porque seu sentido não se repete, mas fala (ou, como vimos, “se aplica”) diferentemente a cada intérprete toda vez que ela é abordada no decorrer da história. Essa historicidade daí advinda é a vida da tradição.

Cada interpretação, por sua vez, faz parte de uma possibilidade de sua época, e pode influenciar a pré-concepção das épocas vindouras – a dialética da compreensão se revela por meio de sua própria historicidade. A temporalidade da compreensão lhe é essencial, está diretamente ligada ao manter-se vivo da tradição, que são as interpretações ao longo da história. Ricoeur (1978, p. 27) apresenta esse pensamento de forma bastante clara:

“Achamos que a interpretação possui uma história e que esta história é um segmento da própria tradição. Não interpretamos de parte alguma, mas para explicitar, prolongar e, assim, manter viva a própria tradição na qual nos encontramos. É assim que o tempo da interpretação pertence de certa forma ao tempo da tradição. Em compensação, porém, a tradição, mesmo entendida como transmissão de um *depositum*, permanece tradição morta, se não for a interpretação contínua desse depósito [...] Toda tradição vive graças à interpretação. É a este preço que ela dura, quer dizer, permanece viva”.

É por isso que Gadamer (1999, p. 393s) reconhece uma superioridade à língua escrita: porque a tradição histórica é transmitida através dela, e, além do mais, o texto escrito dispensa o autor. Quando um leitor deixa o texto falar-lhe, a conversação estabelecida é entre ambos, pouco importando se ele conhece o autor.

A Lingüisticidade da Compreensão

Em uma conversação, o interlocutor precisa ouvir a outra voz que lhe fala, a fim de que se estabeleça um entendimento entre as partes. Essa concepção de conversação se aplica também na interpretação da tradição, pois o leitor só entenderá o texto se, ao invés de projetar nele um sentido, deixar que ele lhe fale. Em ambos os casos, a compreensão será alcançada pelo estabelecimento dessa conversação, o que pressupõe mais que um canal, um mesmo mundo lingüístico.

A linguagem revela acepções de mundo; toda pessoa, quando fala, deixa em sua linguagem sua perspectiva em relação ao que está falando, que é uma parte de si. Na linguagem representa-se o próprio mundo (Gadamer, 1999, p. 453). “Vir à fala não quer dizer uma segunda existência, mas faz parte do ser” (Gadamer, 1999, p. 479). Quando vimos ao mundo, todo conhecimento da tradição nos é transmitido pela linguagem, oralmente ou por escrito. O mundo que conhecemos nos foi dado pela linguagem, e nossa compreensão do que há nele também. “A relação essencial entre lingüisticidade e compreensão se mostra, para começar, no fato de que a essência da tradição consiste em existir no *medium* da linguagem, de maneira que o *objeto* preferencial da interpretação é de natureza lingüística”

(Gadamer, 1999, p. 393). O “estar de acordo” nessa conversação, pressuposto para a compreensão, é convencionalizado em um mundo lingüístico.

“Todas as formas da comunidade de vida humana são formas de comunidade lingüística, e mais ainda, formam linguagem. Pois a linguagem é por sua essência a linguagem da conversação. Somente adquire sua realidade na realização do mútuo entendimento. É por isso que ela não é um simples meio de entendimento” (Gadamer, 1999, p. 450).

A lingüisticidade imanente à compreensão deve ser vislumbrada pelo que há de transcendental entre a linguagem e a compreensão. Há um paralelo indestrutível entre ambas: são universais, revelam o todo possível, e têm os mesmos limites. Tudo o que o homem faz é compreender. Seu (auto) conhecimento como um ser cultural se dá porque tem a faculdade de compreender uma tradição, e a relação desta com sua época e consigo próprio. A linguagem permite ao homem *ser*, possibilita-lhe trocar com o mundo; mas o limite disso é que ele não pode fugir disso – de fato há um paradoxo: o limite é o infinito, e é isso que torna a compreensão e a linguagem ontológicas. Tal qual a compreensão, a linguagem é um *medium* obrigatório para tudo o que é perceptível no mundo. Mesmo um pensamento só se passa dentro de estruturas dadas.

Como a compreensão acontece pela confirmação dos pré-conceitos da época do intérprete, ele está *preso* historicamente, só consegue no limite compreender os “possíveis” de sua época. Do mesmo modo, o falante não pode desprezar os limites da estrutura prévia de sua língua. Como se vê, não se pode falar aquilo que não se compreende, e não se pode compreender algo fora da linguagem.

Mais ainda: a linguagem só se dá porque se compreende. Por exemplo, quando se diz uma palavra, o ouvinte sabe que ela significa um objeto porque compreende que ela diz respeito àquele objeto, e não a outro. Isso lhe foi revelado como sendo pré-existente a ele, uma convenção já dada, tanto que essa relação entre palavra e o objeto foi compartilhada entre os interlocutores sem um acordo prévio. Ele compreende o objeto *pela* linguagem.

O Caráter Especulativo da Linguagem

Como vimos, a interpretação é a aplicação da tradição aos possíveis intérpretes. Abstrai-se disso que toda interpretação é uma possibilidade de significação na história – o *Dasein*. Este ser-aí é a forma da coisa no mundo, captada por meio da interpretação. O *Dasein* é a forma como a coisa se mostra; logo, também faz parte dela. O caráter especulativo da palavra é isso: a palavra é a imagem da coisa no mundo.

Para explicar a representação do mundo na linguagem, o seu caráter especulativo, Gadamer (1999, p. 460-479) utiliza um quadro bastante esclarecedor: a imagem de um castelo projetada em um lago. O lago revela a imagem do castelo, mas esta não lhe pertence. A imagem só é verdadeira, só pode existir, se o castelo também existir. No caso, o lago faz o papel especulativo que a palavra faz na linguagem. Esse caráter especulativo funciona como um espelho. Sob esse enfoque, ser especulativo é não interpretar a coisa dada como um “em si”, mas sim espelhar uma outra coisa que de fato existe e que quer falar. Portanto, o que faz algo ser verdade é o caráter especulativo da palavra; esse algo será verdadeiro se a interpretação deixar falar uma das suas possibilidades, e não se a interpretação for certa em relação àquele “em si” imediato que se está interpretando. Conforme Gadamer (1999, p. 470):

“É especulativo quem não se entrega direta e imediatamente à solidez dos fenômenos ou à determinação fixa do que se opina, mas que sabe refletir – hegelianamente falando, que reconhece

o ‘em si’ como um ‘para mim’. E uma idéia é especulativa, quando a relação que nela é enunciada não se deixa pensar como a atribuição inequívoca de uma determinação a um sujeito, de uma propriedade à coisa dada, mas que tem de ser pensada como uma relação especular, na qual o próprio espelhar não é nada mais do que a pura aparência do refletido, tal como o um é o um do outro e o outro é o outro do um”.

Este “em si” da coisa é um ponto fulcral da hermenêutica para Gadamer. Aceitar o “em si” seria aceitar uma verdade imutável, como se algo pudesse *ser* independentemente de qualquer outra coisa – os intérpretes, no caso. Como as coisas no mundo têm seu valor em função de sua relação nele, e como essa relação se altera na história, fica fácil ver que a visão dos intérpretes também se altera com o tempo. Sendo assim, a coisa não significa por si só, mas “para mim”, isto é, para cada intérprete, cada vez que entra em contato com a coisa. Aí vislumbram-se outros pontos do pensamento de Gadamer, como a impossibilidade de um método objetivo que valide a verdade; que não existe *uma* verdade; que esse relativismo parte de que os intérpretes não conseguem abandonar suas pré-concepções; que nenhuma interpretação é neutra ou imparcial, mas todas são ideológicas.

Aí também está implícito que a palavra, como representação da coisa, não se distingue dela; a imagem no lago faz parte do castelo, pertence-lhe; a representação é o expor-se da própria coisa, portanto, faz parte dela. O intérprete então deve deixar que a coisa fale por meio das palavras. “Evidentemente que o que aqui se chama de expressão e de representação não é, na realidade, um fazer demonstrativo, mas é a própria coisa que se demonstra, na medida em que se expressa e se representa” (Gadamer, 1999, p. 471).

A representação é a maneira como a coisa se apresenta ao mundo – o *Dasein*. Já que o que se vê nessa representação é uma possibilidade interpretativa, é uma visão parcial de um determinado intérprete, pode-se dizer que o *Dasein* não é um “em si” da coisa, não é a sua totalidade (nunca será).

Na compreensão de uma obra de arte fica fácil perceber como a representação faz parte do ser. Uma música, por exemplo, só pode ser ouvida (compreendida) se for interpretada; claro que outros artistas poderão interpretar a mesma música, mas já será uma outra interpretação, todas no presente. Não faz sentido falar, portanto, de uma música “em si”, embora as interpretações sempre levem à compreensão da mesma música; nem faz sentido falar de um método que leve à intenção de uma peça musical, já que ela se mostra ao mundo sempre por meio de uma interpretação presente. O *Dasein* da obra de arte é a sua representação, que recria o mundo dela.

Segundo Gadamer, Humboldt diz que a linguagem são acepções de mundo, o que permite o primeiro concluir que o que faz algo ser linguagem, é exatamente o fato de representar o mundo. Se não fosse assim, não seria uma linguagem, mas outra coisa qualquer. Para Gadamer (1999, p. 447) “A linguagem só tem sua verdadeira existência no fato de que nela se representa o mundo”. O conhecimento que o homem tem do mundo está constituído lingüisticamente.

Por exemplo, uma linguagem artificial: nesse caso, trata-se de um sistema que não cria nada, apenas estabelece algumas indicações de relações, e ainda assim precisa ser acompanhado de uma “legenda”, esta sim na linguagem real. Nesta, ninguém primeiro se põe de acordo, mas os falantes já encontram relações entre linguagem e mundo pré-estabelecidas, das quais não podem fugir. Para ilustrar o caso das linguagens alternativas, Gadamer (1999, p. 449) utiliza a dos surdos-mudos, que “não é verdadeira linguagem expressiva de gestos, mas uma cópia substitutiva da linguagem fônica articulada, através do uso de gestos igualmente articulados”.

Significa que na linguagem verbal utiliza-se a forma fônica, que está inserida em uma estrutura complexa, a linguagem. Na linguagem gestual, são utilizados sinais, os quais, por suas vezes, também remetem a uma construção imaginária abstrata. Husserl chama as formas verbais da linguagem de significação e os sinais (como é o caso dos gestos dos surdos-mudos) de indicação; em ambos os casos, o que os torna linguagem é a relação com algo abstrato, relação esta estabelecida em comum

acordo pelos “falantes” (caso contrário, não haveria comunicação) (Bonomi, 1974, p. 142-147). A diferença está na forma; a relação sempre existirá; portanto, não se pode fugir da lingüisticidade da experiência.

Nosso objetivo ao abordar as linguagens alternativas é deixar claro a universalidade da compreensão, a qual não pode dispensar a linguagem. O caráter especulativo desta garante a reconstrução viva da tradição. O que permite ao homem ter acesso ao mundo, para além do *mundo circundante*, que é acessível a todos os animais, é justamente a linguagem. A lingüisticidade subjaz em toda a experiência da compreensão.

Verdade e Método

A hermenêutica de Gadamer se distancia do psicologismo da interpretação, como Dilthey, por exemplo, que queria encontrar a intenção do autor do texto. Para aquele primeiro, o intérprete que se coloca frente a um texto é quem faz desencadear toda a compreensão. O texto a ser interpretado faz parte da tradição: aquilo que está escrito; o texto teve um sentido quando foi produzido, e guarda essa sua significação essencial, seu horizonte. O intérprete não lerá aquele sentido original, pois seu mundo já é outro, sua visão de mundo já é diferente, ele já tem outro horizonte. Essa *fusão de horizontes* faz o passado revelar-se ao intérprete em seu presente. O acesso à tradição se faz por meio dessa fusão; o sentido da tradição, sendo único, em cada interpretação será paradoxalmente sempre novo, pois o presente do intérprete é sempre novo. É dessa maneira que a contribuição do intérprete faz parte do sentido da compreensão. A esse fenômeno Gadamer chama *história eficaz* (Lima, 1983, p. 64).

A eficácia da história está justamente no quanto a tradição se faz entendida pelo filtro que é o intérprete em seu presente. Este “filtro” impede uma leitura totalmente objetiva do passado: por isso Gadamer discorda de que seja possível desvendar a intenção do autor, como quer Dilthey. Para questionar essa intencionalidade, Gadamer escolhe a obra de arte como um símbolo de luta contra a objetividade da ciência, objetividade que quer se estender às ciências do espírito (filosofia, arte, história).

A objetividade científica permite a reconstrução do mundo experimentado, permite fazer o teste de validade de suas leis. Na experiência do mundo natural isso não é assim, pois não se pode objetivar o seu sentido, ele não é concreto, nem mensurável; ele é uma experiência lingüística em que atuam os preconceitos do ser, e sua interpretação é apenas uma das possibilidades. Além disso, não há um lugar vazio de linguagem onde o estudioso se instale para objetivar tal experiência. Ou seja, ele usará a (mesma) linguagem para analisar a tal linguagem-experimento (Gadamer, 1999, p. 457).

Por isso não é possível uma objetivação sobre a linguagem, pois as pessoas não se põem de acordo sobre a significação das palavras para somente depois então estabelecerem o diálogo. Para utilizar algo como objeto é necessário um distanciamento, a fim de manipular o objeto como um todo. Por causa disso o mundo científico não é o mesmo que o mundo natural. Ninguém pode estar fora do mundo lingüístico. Como diz Gadamer (1999, p. 456): “Não se pode querer olhar de cima, de modo correspondente, o mundo lingüístico, pois não existe nenhum lugar fora da experiência lingüística do mundo a partir do qual este pudesse converter-se a si mesmo em objeto”.

A linguagem só é tratada como objeto pelos lingüistas, porém isso não é feito com a linguagem em movimento, ou seja, eles precisam paralisar o uso e estudar apenas o signo – fazer um recorte sincrônico e estudar seu sistema como um objeto (mesmo o estudo diacrônico é uma comparação entre os sincrônicos); essa língua estudada por eles não é uma significação do mundo em toda a sua riqueza, do modo como pretende a hermenêutica:

“Enquanto que a lingüística se move no recinto de um universo auto-suficiente e não encontra jamais senão relações intra-significativas, relações de interpretação mútua entre signos, [...] a

hermenêutica encontra-se sob o regime da abertura do universo dos signos. [...] O que entendemos por abertura? O seguinte: que em cada disciplina hermenêutica, a interpretação está na articulação do lingüístico e do não-lingüístico, da linguagem e da experiência vivida (qualquer que ela seja)” (Ricoeur, 1978, p. 57-58).

Qualquer que seja o objeto, o intérprete utilizará a linguagem para chegar à compreensão, permitida graças às suas pré-concepções. Por isso, exatamente por ser sempre atual, não se pode falar em uma interpretação verdadeira. Não é possível uma interpretação objetivamente válida porque a interpretação é sempre feita a partir do presente, e o intérprete jamais poderá abdicar totalmente de seus preconceitos. Ao invés de validar uma intenção original, interpretar é dar “novo” sentido ao texto, é optar, fazer escolhas em um horizonte plurisignificativo. O sentido escolhido pelo intérprete é somente uma possibilidade, permitida dentro da fusão de horizontes do texto e do intérprete: esta é a forma de realização da conversação entre ambos (Gadamer, 1999, p. 392).

Portanto, a hermenêutica tal como Gadamer a entende é dialética: claro que o ponto de partida é a tradição, mas o seu sentido é construído pelo intérprete (daí a lingüisticidade de toda compreensão), que, ao mesmo tempo que é captado pelo sentido daquela, também coloca nele as suas pré-concepções. A objetividade não é possível por que não há um método que exclua o intérprete. Conforme Palmer (1997, p. 170), “a hermenêutica dialética de Gadamer [...] fundamenta-se, não na autoconsciência mas sim no ser, na lingüisticidade do ser humano no mundo e por conseguinte no carácter ontológico do acontecimento lingüístico. Não se trata de uma dialéctica de teses requintadas que se opõem; é uma dialéctica entre o contexto em que cada pessoa se insere e o contexto da ‘tradição’...”.

Por causa de uma impossível objetivação que consiga expurgar a subjetividade do intérprete, vê-se a ironia do título da obra *Verdade e método*.

Considerações Finais

A lingüisticidade de toda experiência hermenêutica está no fato de o intérprete não conseguir compreender algo que esteja fora da linguagem. Ao se deparar com um texto, a compreensão se dá quando entre eles se estabelece uma conversação; não é ele que atribui sentido ao texto, é antes o texto que se comunica a ele. Por meio da ação especulativa, as palavras do texto trazem um mundo ao intérprete; é o próprio mundo da tradição que se faz acontecer. Ou seja, a palavra, como representação ou imagem de um objeto, faz parte dele e lhe pertence, e é o que permite ao intérprete chegar a ele.

Do mesmo modo, o intérprete só consegue compreender algo se fizer parte do mesmo círculo hermenêutico; a possibilidade da compreensão revela a *pertença* do intérprete à tradição. Compreendê-la é uma maneira de o intérprete conhecer melhor a sua época, de ele próprio se redefinir. A tradição, portanto, revela o ser, o que denota a lingüisticidade da compreensão humana e do próprio ser. Como diz Gadamer (1999, p. 478): “*O ser que pode ser compreendido é linguagem*”.

A historicidade da compreensão é que mantém a tradição viva. Acreditar em uma possível verdade que a tradição diz é aceitar que essa verdade não é fixa, mas, visto que pressupõe um intérprete para ela “vir à tona”, ela é móvel no decorrer da história, a partir do momento que o intérprete participa dessa verdade. “Na medida em que compreendemos, estamos incluídos num acontecer da verdade e quando queremos saber o que temos que crer, parece-nos que chegamos demasiado tarde” (Gadamer, 1999, p. 494). E um método que não consegue objetivar, porque não consegue excluir o seu feitor no trato do objeto, não pode vislumbrar uma verdade objetiva.

Referências Bibliográficas

- BONOMI, Andrea. *Fenomenologia e estruturalismo*. São Paulo : Perspectiva, 1974.
- GADAMER, Hans-Georg. *Verdade e método*. Trad. Flávio Paulo Meurer. 3. ed. Petrópolis : Vozes, 1999.
- LIMA, Luiz Costa. *Teoria da literatura em suas fontes*. 2. ed. Rio de Janeiro : F. Alves, 1983.
- PALMER, Richard E. *Hermenêutica*. Trad. Maria Luísa Ribeiro Ferreira. Lisboa : Edições 70, 1997.
- RICOEUR, Paul. *O conflito das interpretações: ensaios de hermenêutica*. Trad. Hilton Japiassu. Rio de Janeiro : Imago, 1978.

The hermeneutic problem in *Verdade e método*

Abstract

In *Verdade e método* Gadamer discusses the hermeneutic problem, showing what happens when somebody comprehends: as the comprehension occurs by the interpretation – a conversation between the tradition and the interpreter –, and this utilizes the pre-comprehensions of the interpreter, the historicity of the comprehension shows, in one hand, the linguistic aspects of the comprehension, and in the other hand, the impossibility of an objective interpretation. Gadamer does not think hermeneutics as a method able to validate interpretations, but as a philosophy, which shows that the comprehension as much as the language are transcendental factors inherent in man.

Key words: hermeneutic, comprehension, interpretation, method.

MELLO, C. J. de A. The hermeneutic problem in *Verdade e método*. *UNOPAR Cient., Ciênc. Hum. Educ.*, Londrina, v. 1, n. 1, p. 51-59, jun. 2000.

